**Não é apenas recomeço.**

Leonardo Noronha de Andrade[[1]](#footnote-1)

João Marcos Bonczinski Rodrigues[[2]](#footnote-2)

Milhares de pessoas que fogem de seus países, não optam por simplesmente buscar uma forma de melhorar sua vida ou esquecer o passado como os imigrantes de antigamente quando fugiam da Europa e países do Oriente para recomeçar.

Essas pessoas continuam saindo de seus países natais por causa de Guerras e conflitos civis que envolvem algo muito maior que eles, envolvem grandes potências mundiais, dinheiro, poder e disputa de território.

Olhando pelos dados fornecidos “atualmente o planeta possui 65 milhões de refugiados, grande parte deles é obrigada a viver em campos” Agier (2017). O fato desses refugiados não ser implantados na sociedade do país que concede o refugio, é algo delicado, numa sociedade em que tudo é globalizado e digital chega a ser um absurdo imaginarmos que temos que isolar um povo de outro. Mas temos que analisar aos refugiados adaptarem-se a leis locais e um povo diferente do seu.

Os campos apresentam três traços diferentes: a extraterritorialidade, a exceção e a exclusão “locais isolados e fronteiriços, instalações qualificadas como selvagens” Agier (2017).

Claro que aceitar um acampamento de refugiados, pode significar uma injeção de lucro, para as indústrias desses países. Empregos, cartões de debito e crédito, formas de obter mais consumidores.

Esse é hoje um enorme setor. Alguns o chamam de ‘indústria da ajuda’. Sabemos que isso representa pelo menos 25 bilhões de euros por ano. Evidentemente, do ponto de vista comercial, há dinheiro a ganhar e essa indústria, uma nova eficácia a provar (Autheman, pg. 20. 2017).

Mesmo aparentando somente busca de lucro pode-se considerar uma busca de ajuda humanitária se olhar, a busca de desenvolvimento do local onde os refugiados estão, girar capital e aumentar o rendimento da economia local para as famílias se manterem.

Porém o que dizer quando esses campos já continham uma economia local, mesmo que fraca, mas com um mercado local planejado pelos próprios refugiados, começam a ter que lidar com uma concorrência agressiva de grandes empresas europeias.

A economia informal que se desenvolveu aos poucos graças aos próprios refugiados dentro de souk de Zaatari teve de enfrentar a chegada desses novos atores de lógicas agressivas. Um cartão bancário virtual, provisionado pelo Acnur e pelo PAM até o valor de U$$50 por mês para cada refugiado sírio, mas que só funcionam nos supermercados concorrentes ao Zaatari, permite aos novos ‘clientes’ reencontrar a felicidade de consumo nesse tipo de estabelecimento. (Autheman, pg.22. 2017)

A conclusão que tiramos disso tudo é que os refugiados não possuem escolha alguma ao fugirem dos seus países por falta de segurança e medo, mudam-se para outros paises apenas para procurar paz e uma vida tranquila, vida essa que devia ser garantida no local onde eles realmente gostariam de estar, sua própria terra.

**REFERÊNCIAS:**

AGIER, Michel**. A fábrica de indesejados**. **Le Monde Diplomatique Brasil.**São Paulo, p. 19. Maio 2017.

AUTHEMAN, Nicolas. **Refugiados, um bom negócio**. **Le Monde Diplomatique Brasil.**São Paulo, p. 20-22. Maio 2017.

1. Sistemas de Informação 01 Semestre [↑](#footnote-ref-1)
2. Sistemas de Informação 01 Semestre [↑](#footnote-ref-2)